6

Considerações finais

É neste lugar de um crepúsculo que se esvai como um rio entre a decepção de outrora carregada de sonho e o sonho de hoje sonhado pela memória dessa decepção que vêm reinscrever-se páginas que porventura melhor conviria deixar no seu tempo próprio, aquele em que a agonia mesma nos sabia a vida.

Eduardo Lourenço³⁰⁸

As três obras de Abelaira selecionadas para esta Tese apontam caminhos que nos mostram como o autor propõe uma representação não figurativa do real, descartando a mímese e a fidelidade fotográfica como métodos. Privilegiando as suas interrogações sobre o real, o autor extrai elementos da realidade que possam ajudá-lo a criar, na ficção, quadros discursivos que, de modo dinâmico, tangenciam um real. Dentro dessa elaboração, Abelaira constrói suas narrativas em torno de uma linguagem que substitui a experiência, isto é, ao pensar a impossibilidade da linguagem de abarcar o real, o autor propõe uma ficção que questione o próprio poder da linguagem ao mesmo tempo em que confere a ela o poder de mostrar tal dificuldade. Nos dois romances e no volume de contos em estudo, essa ação é conduzida através de um trabalho exaustivo com a linguagem, onde elementos como a incomunicabilidade e o vazio da linguagem são utilizados como estratégias para se conduzir a narrativa, que é, por sua vez, muitas vezes, fragmentada.

Dentro dessa *escrita da experiência*, Abelaira busca elementos do cotidiano que auxiliem na estruturação de uma mentalidade específica da elite portuguesa. Em suas obras, o autor nos mostra que tal mentalidade tornou-se um grande desafio para Portugal, pois essa elite que tudo observa com um distanciamento estratégico e cômodo, acaba propagando um sentimento de acomodação, que vem a se constituir como escolha política. Aparentemente, os personagens de Abelaira entendem a

³⁰⁸ Lourenço, Eduardo, *Heterodoxia I e II*, p. XI.

dificuldade de intervirem no destino do país, contudo, o que se percebe é que eles estão, de fato, resignados, e não com um sentimento de culpa. O sentimento de resignação fomenta a mentalidade dessa elite, o que se torna alvo de crítica de Abelaira ao ver nela um novo inimigo contra o qual lutar. A ameaça que essa mentalidade de impotência instalada no ambiente provoca está no fato do imobilismo inviabilizar a construção do futuro.³⁰⁹ Logo, ao desejar não mais combater o Estado Novo, mas sim tal mentalidade, Abelaira propõe uma atualização do neo-realismo, onde figura a crise de identidade do sujeito em um mundo também em crise.

Assim posto, é possível pensar as tendências realistas que abrigam o projeto literário de Abelaira. Ao estudar a fortuna crítica disponível sobre a sua obra, o pesquisador se depara com um lugar-comum, segundo o qual o autor é pertencente ou herdeiro da segunda fase do neo-realismo português. De fato, Abelaira vem de uma tradição de autores portugueses que buscavam ficcionalizar elementos de uma realidade particular a Portugal da segunda metade do século XX, no entanto, a forma como o autor desejava fazê-lo e o seu objetivo o diferem de outros escritores da sua geração. Augusto Abelaira não dissecava a sociedade portuguesa para fins de denúncia nem tampouco faz uma literatura que sirva como registro dos absurdos cometidos contra a população rural. No entanto, ele se aproxima de outros autores da segunda fase do movimento ao explorar o próprio poder da linguagem, pois entende que há todo um contexto social e político que propicia a descrença do próprio sujeito no seu poder de comunicação.

Abelaira constrói uma ficção cujos personagens encontram-se em um vazio identitário que aparece na linguagem. Apesar das aproximações com o neo-realismo, o autor, ao experimentar novas formas de lidar com o real na ficção, se distancia do movimento. Essas novas formas foram claramente influenciadas por movimentos filosóficos e literários da época, como o existencialismo e o *nouveau roman*.

Como fora acima citado, Abelaira se apropria do real de uma classe específica da sociedade portuguesa da segunda metade do século XX, a classe média alta. No entanto, o real visado por ele não é o real imediato e concreto, do tempo presente, como faziam os realistas, mas sim um real mais orgânico, difuso e digressivo, um real

³⁰⁹ TORRES, Alexandre Pinheiro, *Romance: o mundo em equação*, p.115.

também possibilitado pelo discurso mental, e, por isto, um real que não se prende ao presente, mas que se torna um real do devir, composto por anseios e expectativas. Esse é o real do silêncio, do medo, das relações fragmentadas, das vidas vazias e sem um projeto com o qual sonhar, por isto, mais vinculado ao vazio do que à totalidade.

Os assuntos fragmentados dos personagens de *Bolor*, por exemplo, mostram que há uma linguagem insuficiente entre eles, sufocada pelo espaço público de horror e cerceamento. Neste romance, o espaço privado aparece totalmente abalado pelo público gerando indivíduos angustiados e acomodados, presos as suas questões privadas. Há uma mentalidade instalada no ambiente segundo a qual virá um grande salvador que os libertará do governo opressor. Essa mesma mentalidade é acrescida de um sentimento comum de inferioridade onde há uma forte sensação de fracasso vivenciada por uma elite que tem em sua história períodos alternados de euforia e de derrota.

A subjetividade dos personagens abelairianos advém do caráter existencialista de sua obra, que também se ocupa de estar atenta aos problemas do real e da historicidade do real, influência clara da literatura neo-realista. Se um dos pontos cruciais dessa literatura é estar atenta e dar conta de como o real é histórico e de como se desenvolve historicamente, entende-se a aproximação de Abelaira com o movimento.

Como estudado, Abelaira comenta os horrores da guerra e da ditadura, mas não chega a denunciá-los. O que ele focaliza é a mentalidade da elite portuguesa, que, mesmo sofrendo as conseqüências das decisões políticas do seu país, assume a sua inaptidão para nelas intervir. Está nessa denúncia da mentalidade da elite a aproximação do autor com a segunda fase do movimento. Mas, ao contrário do neo-realista que desejava engajar-se contra o regime, a literatura de Abelaira deseja combater algo mais subjetivo e menos óbvio.

Assim como em *Bolor*, no livro de contos *Quatro Paredes Nuas* há personagens que também investem na linguagem em busca de substituírem a experiência. Diálogos e digressões as compõem e elas também apresentam personagens difusos, incompletos e fragmentados que se constituem através de uma linguagem também difusa e incompleta. Os assuntos nunca são concluídos e às

perguntas não se elaboram respostas, o que faz parte das práticas realistas desenvolvidas pelo autor.

A análise das narrativas de Abelaira mostra como o autor trabalha com uma ficção experimental que preocupa-se em se afastar das formas tradicionais do gênero narrativo. Esse afastamento representa sua aproximação com o *Nouveau Roman* francês que propunha a subversão do que se convencionou fazer em narrativa. Essa apropriação de características do movimento literário de Robbe-Grillet alinha-se ao momento histórico pós-guerra, com sociedades envoltas pela descrença nas grandes narrativas e na força do herói. Sem heróis, o sujeito dessa época tem que reconstruir a sua identidade e, para tal, o próximo configura-se como potência fulcral que poderá viabilizar um maior entendimento de si mesmo. No caso do sujeito que se encontra em Portugal, há uma grande frustração com relação aos fracassos do passado, uma grande passividade no presente que inviabiliza uma tomada de ação e um misto de euforia e apreensão para com um futuro que pode ser revolucionário.

Mesmo em suas obras pós-revolução, como no romance *Nem só mas também*, Abelaira permanece combatendo a influência da ditadura na mentalidade da elite portuguesa, envolta em uma atmosfera de resignação e falta de atitude. Os mesmos indivíduos que necessitavam do próximo para se configurar ainda apresentam essa busca, pois foram muitos anos de dominação e censura que impediram a formação efetiva das suas identidades.

Neste cenário, Abelaira escreve um romance onde um sujeito de meia idade passa seus dias em uma esplanada a observar os outros. Abelaira é tão verossímil, na perspectiva interna, que representa a desordem do pensamento, a incongruência da vida mental, que estampa na velocidade e na dinâmica da mentalidade moderna a fragmentação e a falta de sentido a que tantas vezes se refere como se fosse uma coisa do mundo e não dos homens do mundo.

Como a linguagem é via de expressão desses mesmos indivíduos, o autor busca viabilizar o entendimento acerca da incapacidade da linguagem não só de abarcar o real como de abarcar o que é subjetivo. O que ele primorosamente faz é substituir a experiência pela experiência da linguagem através de personagens que investem na mesma para se restabelecerem como sujeitos em uma sociedade com

mais de quatro décadas de ditadura, aliados a um forte sentimento de isolamento frente às grandes nações européias.

Os elementos trazidos do cotidiano mostram-se fundamentais na obra do autor a fim de estabelecerem uma ficção que, ao se apoderar desses elementos constituintes do real, marquem um posicionamento do autor contra uma mentalidade portuguesa estabelecida que acaba por inviabilizar as relações, sejam elas no espaço privado ou no espaço público. Para se chegar a essa crítica, Abelaira entende que há de se passar, necessariamente, pela linguagem como forma de substituir o real e que essa substituição só é possível se o mesmo for reinventado. A reinvenção do real conduzida por Abelaira possibilita uma escrita que vai além de denunciar ou retratar a sociedade, mas que incorpora as subjetividades em sujeitos, ao privilegiar suas vidas mentais, e que busca também se reinventar como forma de intervenção, entendendo que esta só é possível se for precedida por uma construção identitária. A reinvenção do real em Abelaira está no fato de a experiência passada não ser real, mas sim o que está sendo gerado, o que ainda está por vir.